

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# PROBLEMAS HISTORIOGRÁFICOS: UMA REVOLTA MEDIEVAL ENQUANTO NARRATIVA LEGITIMADORA NO SÉCULO XX

Vinícius Oliveira de Queiroga

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10466>

Submetido em: 2024-11-17

Postado em: 2024-11-22 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Uiran Gebara da Silva (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9547-334X>)

# PROBLEMAS HISTORIOGRÁFICOS: UMA REVOLTA MEDIEVAL ENQUANTO NARRATIVA LEGITIMADORA NO SÉCULO XX

Vinícius Oliveira de Queiroga<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0009-0007-8810-2632>

E-mail: [vinicius.oli.q@gmail.com](mailto:vinicius.oli.q@gmail.com)

<sup>1</sup>Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife (PE), Brasil.

**RESUMO:** Em 1277, ocorreu, na Bulgária, uma revolta contra o trono daquele império. Camponeses, liderados por um criador de porcos, chamado Ivaylo, mobilizaram-se para enfrentar este inimigo, por considerá-lo incapaz de enfrentar a Horda Dourada, que ameaçava a vida destes camponeses. Passados os séculos, resta, enquanto legado, toda uma bibliografia que aborda este evento histórico, sendo uma delas *corpus* deste trabalho – (autodenominada) marxista –, a fim de realizar um esforço interpretativo entre o que seria propaganda e o que seria científico. Como um líder camponês, que era um criador de porcos, foi capaz de ser coroado imperador legítimo? A historiografia narra este evento, e uma destas narrativas a ser analisada é baseada nas observações de uma obra do escritor Petr Petrov. Além de narrar, esse evento histórico é reconfigurado enquanto um instrumento político, comprometido em realizar as expectativas de uma agenda política específica. Diante disso, o presente trabalho visa esmiuçar essas narrativas, apontando esses fenômenos búlgaros.

**Palavras-chave:** Ivaylo, revoltas rurais, camponeses, historiografia, Bulgária.

## HISTORIOGRAPHICAL PROBLEMS: A MEDIEVAL REVOLT AS A LEGITIMIZING NARRATIVE IN THE 20TH CENTURY

**ABSTRACT:** In 1277, a revolt against the throne of that empire took place in Bulgaria. Peasants, led by a pig farmer named Ivaylo, mobilized to confront this enemy, as they considered him incapable of facing the Golden Horde, which threatened the lives of these peasants. After centuries, a whole bibliography remains as a legacy that addresses this historical event, and this work selects one of them, the (self-proclaimed) Marxist one, and makes an interpretative effort between what would be propaganda and what would be scientific. How was a peasant leader, who was a pig farmer, able to be crowned legitimate emperor? Historiography narrates this event, and one of these narratives to be analyzed is based on observations from a work by the writer Petr Petrov. In addition to narrating, this historical event is reconfigured as a political instrument, committed to fulfilling the expectations of a specific political agenda. This work aims to analyze these narratives and point out these Bulgarian phenomena.

**Keywords:** Ivaylo, rural revolts, peasants, historiography, Bulgaria.

## INTRODUÇÃO

Este artigo representa um capítulo componente da dissertação de mestrado que há de ser publicada a respeito de um estudo acerca de uma revolta camponesa, no fim do século XIII, no Império da Bulgária. No cenário histórico em questão, o líder, Ivaylo, é uma figura imprescindível na compreensão de como eventos históricos podem ser convertidos em ferramentas narrativas que atendam a demandas específicas de um sistema vigente.

A revolta de Ivaylo, um criador de porcos, nasce da crise governamental do segundo império Búlgaro e, quando do surgimento de uma força militar em muito superior à força dos búlgaros (os mongóis da Horda Dourada), nasce, também, da crise que o conflito com a Horda haveria de trazer, conflito esse originado a partir desta crise. A revolta nasce em 1277, liderada por um camponês, agrupando outros camponeses insatisfeitos com o descaso do trono para com sua sobrevivência e iniciando um movimento de autodefesa contra os invasores. A crise política crônica do século XIII em Tarnovo, a capital do império Búlgaro, reduz a capacidade de reação imperial consideravelmente, de forma que a escala de tempo em que esses ataques ocorrem de forma impune e por alguns anos. Ivaylo passar, então, a representar uma forma pré-capitalista de autodefesa, que se transforma em algo mais. O sucesso de camponeses mal equipados e mal treinados contra tropas experientes da cavalaria mongol não passa despercebido para seus contemporâneos, e o movimento cresce em reputação e força desde muito cedo.

Esse movimento cresce ao ponto em que o próprio Ivaylo, o camponês criador de porcos, é coroado imperador em Tarnovo. Esse acontecimento deveria tornar-se atraente para a historiografia mundial, por se tratar da raridade de repetição de um evento desta essência, mesmo se tratando de uma região periférica, ainda é ignorado em grande parte da histotografia mundial, especialmente no Brasil. Contudo, não foi ignorado totalmente, especificamente à marxista (especificamente soviética), devido justamente a suas especificidades. O mundo medieval não apresenta o antagonismo corriqueiro à luta de classes contemporânea entre burguesia e proletariado. O campesinato da época seria a

camada social que se encontrava na base da pirâmide política e econômica da Bulgária no século XIII e o *tsar* (imperador) representaria o topo desta pirâmide. Um movimento daqueles contra estes apresenta um ótimo enredo à historiografia marxista, ao menos em teoria.

Em verdade, neste ponto vale destacar a maneira em que a luta de classes é expressa na conjuntura búlgara daquele século. A terminologia da luta de classes, não reconhecida exclusivamente pelo marxismo mas por ele compreendida enquanto o motor da história, funciona de maneira distinta da sociedade industrial. No mundo capitalista, a divisão das classes pode ser compreendida onde cada um se localiza no modo de produção. Justamente por este motivo, considerar-se-á o grau de importância da economia e da propriedade para fazer esta distinção. Ser explorador ou explorado está diretamente relacionado com a necessidade da venda da mão de obra como um produto ou com a necessidade da exploração dessa mão de obra vendida, em termos contemporâneos. Portanto, a divisão entre as classes pode ser interpretada, de forma majoritária, diretamente como um produto das relações de produção no mundo capitalista.

No mundo pré-capitalista, compreender-se-á que o papel da economia é reduzido em detrimento da importância do papel da política.

O que se afirma antes de mais nada, algo que remete a discussão com que começamos este capítulo: a impossibilidade de definir em forma autônoma a economia, o nível econômico, [...] isto porque [...] asseguram-nos os partidários do paradigma dominante, naquele período, o que nós chamamos de "nível econômico" não apenas não era percebido como um campo unificado e coerente pelos antigos, como também, de fato, intrinsecamente, não continha sua própria racionalidade: o que é para nós "o econômico" só pode ser entendido em função do social global e, mais especificamente, do nível político. A análise econômica só teria sentido, então, subordinada a uma análise social com forte ênfase política; na verdade, quase como uma espécie de subproduto desta última. (Cardoso, 1988, p.11-12).

No mundo atual, é difícil imaginar “política” e “economia” como corpos separados. O amálgama criado pelo capitalismo possibilita o entendimento que as duas esferas de poder são tão intrinsecamente conectadas que são apenas facetas diferentes de uma mesma imagem. Não cabe a este trabalho analisar, de forma precisa, a estrutura de poder no capitalismo, no entanto, o texto demonstra que, para sociedades pré-capitalistas, a esfera econômica não desempenha um papel tão relevante se comparado à relevância que possui no mundo capitalista. A economia e a propriedade não dividiam as classes sociais no mundo pré-capitalista, mas estariam subordinados em função do nível político, como diz Cardoso (1998), “uma espécie de subproduto”.

Na verdade, as noções classistas atuais são distantes das pré-capitalistas não apenas em vista à propriedade, mas também observando os produtos e o mercado.

No início da Idade Média, e durante bastante mais tempo em grande parte do Leste e do Norte da Europa, quanto menos poderosos eram os senhores numa determinada região, menor era a tendência para haver trocas: uma afirmação que a arqueologia apoia, consistentemente, em todo o continente. Na verdade, em muitas partes da Europa, os camponeses eram suficientemente independentes para que as relações feudais ainda não tivessem sido totalmente impostas; uma vez que os camponeses que são deixados inteiramente entregues a si próprios tendem a consumir a maior parte dos seus excedentes, não houve acumulação suficiente de bens para vender ou comprar em qualquer escala. Isto é, não existia uma rede de trocas suficientemente densa para que as sociedades camponesas autônomas tivessem acesso ao mercado, quer tivessem ou não excedentes suficientes para vender; em contraste, a maior procura de bens artesanais e alimentos não locais veio dos senhores e dos seus séquitos. Assim, os padrões básicos de intercâmbio eram limitados, com poucas ligações inter-regionais, exceto em áreas onde sabemos que os senhores eram fortes e o modo feudal estava mais plenamente estabelecido, como, acima de tudo, no coração político do norte da França. As áreas do mundo medieval onde as trocas eram mais complexas situavam-se fora da Europa [...]. (Wickham, 2021, p. 18).

Em um mundo em que as relações econômicas são um subproduto das relações políticas, há de se compreender que, de fato, aquela é uma consequência desta. Menos poder para os senhores pode ser traduzido como menos capacidade de exercer controle e/ou dominação sobre os explorados e, uma vez que o fardo sobre essa parcela de oprimidos é mais leve do que o fardo de outras parcelas em regiões geográficas distintas, mas cronologicamente simultâneas, havendo mais autonomia, não há uma busca de enriquecimento, os excedentes mantidos com a ausência senhorial é convertida em consumo próprio, não em transformação de renda. Além disso, essa situação é gerada justamente através de uma relação política, neste caso, de ausência. Quanto menos poder para realizar dominação, menos intercâmbio de mercado.

Essa realidade se entrelaça até mesmo com a propriedade e com a exploração econômica, como em aluguéis ou impostos. Apesar de apresentarem um impacto menor na sociedade, em termos políticos, do que impactam no mundo capitalista, ainda estão presentes no mundo medieval e ainda permanecem subordinados à esfera política.

As formas como o aluguel e seus análogos foram apresentados e justificados também variaram muito. Os senhores, sendo altamente visíveis como exploradores, precisavam de justificar os seus reivindicados direitos de obter excedentes; eles arriscavam resistência se não o fizessem e, embora tivessem superioridade em armamento, eram enormemente superados em número pelos camponeses. [...] Os camponeses às vezes ficavam convencidos; curiosamente, a julgar pelos motivos contra os quais se revoltaram (o que fizeram com mais frequência do que os historiadores tendem a afirmar, pelo menos em alguns períodos e regiões), foram convencidos na maioria das vezes pelas

reivindicações dos proprietários de terras aos direitos de propriedade, e menos frequentemente pelas justificações para a tributação e a falta de liberdade, com direitos senhoriais e dízimos no meio. Mas eles estavam pelo menos quase convencidos, sobretudo se as taxas fossem sancionadas e - crucialmente - estabilizadas pelo costume, o que significava que eles sabiam onde estavam e podiam fazer os seus próprios cálculos futuros. Às vezes, aluguel e impostos eram difíceis de distinguir; mas quando existiam, eram apenas formas institucionais separadas, e também formas ideológicas separadas, da mesma relação de extração de excedentes: camponeses tendo de entregar os seus produtos aos senhores, com a ameaça implícita de força. (Wickham, 2021, p.12-14).

Mesmo com a economia desempenhando uma outra função na sociedade medieval, diferente da função na industrial, é incorreto falar que não havia luta de classes. Ainda que a separação não se baseie no modo de produção, há uma relação de opressão clara, como citada. Os camponeses eram mais numerosos, mas eram mais mal-armados, não possuíam poder político, realizavam a produção agrícola, tinham suas liberdades vulnerabilizadas e eram taxados. Existe uma clara situação de luta de classes, ainda que não possa se aplicar o conceito da mesma maneira que no mundo capitalista.

Uma solução conciliatória pode ser encontrada em certos escritos de Maurice Godelier. Com base em alguns dos textos de Marx, pretende que, para o fundador do marxismo, os estamentos (e, em sociedades que não são da alçada deste texto, as castas) ocupam o mesmo lugar teórico, no pré-capitalismo, que corresponde as classes no mundo contemporâneo. Marx teria pretendido, ao chamar em certas obras às vezes estamentos e às vezes classes aos mesmos grupos, referindo-se a épocas pré-capitalistas, distanciar-se da interpretação corrente; idealista, desses grupos, mostrando que tais estamentos envolviam relações de opressão e exploração, não tendo um fundamento exclusivamente ideológico e político, mas pelo contrário estando também ligados a uma data base econômica que correspondia em cada caso a um determinado grau e a determinadas formas de desenvolvimento das forças produtivas. (Cardoso, 1988, p. 18)

O descrito por Cardoso (1998) é o que acontece no caso da revolta búlgara. Os camponeses se erguem, liderados por Ivaylo, não por objetivos econômicos, mas de sobrevivência, que podem transcender a aspirações políticas e, ainda que a nomenclatura não traga uma definição definitiva neste trabalho (a respeito de classes, estamentos, camadas, etc.), é inegável a presença da luta de classes na Bulgária do século XIII.

Na prática, nunca chegou a se tratar de um movimento popular contra uma autoridade opressora com um programa “revolucionário”, e neste ponto consiste a relevância de compreender o papel da economia neste mundo pré-capitalista. Coincidentemente, isto aconteceu durante um curto intervalo de tempo, mas logo se transformou. Os mongóis podem assumir essa autoridade militar na qual os camponeses resistiam, mas era um movimento de sobrevivência, acima de tudo. Se os mongóis

realizavam investidas recorrentemente, buscavam riquezas e pilhagens, lucros fáceis de conquistar e de transportar, nesse processo, os camponeses seriam os massacrados, e suas propriedades seriam confiscadas, mas não haveria diferença deles para os *boiardos* (aristocratas búlgaros) de regiões mais periféricas, afastados de Tarnovo, próximos das fronteiras da Horda Dourada. Se Ivaylo foi capaz de expulsar por várias vezes os mongóis, aliar-se a ele poderia representar manutenção para estes *boiardos*, também incomodados com a indiferença do trono para com suas perdas, manutenção da vida e da propriedade destes aristocratas. Claro que pode não ter sido o maior ímpeto aliar-se a um criador de porcos e, justamente por este motivo, no início este movimento pode ter se configurado um movimento com agendas antissistema (ainda que pouco provável seja, devido ao maior motivo deste movimento nascer: autodefesa, e não uma rebelião contra Tarnovo). Isso traz à tona outra problemática, também abordada pelo marxismo: consciência de classe.

Finley afirma não ver a possibilidade de reconhecer nas classes subalternas [...] a consciência de classe [...] atuando como um motor de suas ações. Por causa disso, recusa também a utilidade da própria categoria de classe como instrumento de compreensão do comportamento econômico na Antiguidade, preferindo as ações orientadas pela busca de distinção social, na forma do status (Finley, 1999, p. 41-52) [...] Mas a compreensão das ações individuais por meio das relações de status, isto é, como valores racionalmente compreensíveis, não exige a exclusão de uma compreensão de ações coletivas em termos de classe (Cardoso, 1988). Pelo contrário, ambas as formas de compreensão são complementares, inclusive sendo possível pensar as relações de status como traduções simbólicas das relações de classe em sistemas culturais e sociais em que as relações de classe não aparecem explícitas à consciência individual. (Silva, 2016, p. 231)

Ivaylo organizou suas autodefesas camponesas contra os mongóis em 1277, e começou sua revolta a partir daí. Tarnovo e os *boiardos* da capital não foram invadidos pelos mongóis pela primeira vez em 1277, e não foram eles quem pegaram em armas para proteger o reino da Bulgária. Tampouco foram os camponeses. Eles se organizaram para protegerem a si mesmos. A citação acima traz uma problemática: se o movimento não era contrário ao *Tsarstvo*, por que acabou se virando, posteriormente?

Os camponeses tiveram consciência de sua vulnerabilidade e rejeitaram um papel de passividade, traduzido em uma espera de defesa e proteção por parte da aristocracia, que nunca veio, e abraçaram um papel de organização própria que se defendesse independentemente dos *boiardos*. As ações individuais de Ivaylo teriam rendido algum fruto se não houvesse um senso coletivo de urgência dos camponeses de se organizarem e enfrentarem os tártaros eles mesmos? Até que ponto, quando Ivaylo se virou contra o

imperador búlgaro, Constantino Tikh, os camponeses também não tinham interesse de aniquilar o sistema político vigente e substituí-lo por um novo? Ivaylo seguiu, imbatível, até os portões de Tarnovo lhe serem abertos. Até onde os camponeses abraçaram a possibilidade do criador de porcos como *tsar*?

[...] O tipo de organização política que se encontra em formação ao longo das revoltas estaria mais próximo dessa busca de autonomia do que das ações de negociação cotidianas menos coletivas e mais individuais. (Silva, 2016, p. 235).

Havia um programa. Proteção da vida, acima de tudo, e em menor grau, da propriedade pessoal (que, no caso dos camponeses, foi demonstrado que equivale à sua subsistência). Esse programa representar o desejo de uma revolução feudal é algo inexistente, uma vez que as condições econômicas não permitiam tal panorama, mas não é possível quantificar consciência coletiva de classe. A busca de autonomia do trono para defenderem a si mesmos contra os tártaros já demonstra consciência de classe, ainda que essa autonomia não os tenha guiado para uma revolução econômica. É importante fazer esta delimitação para separar rigor historiográfico de propaganda política, como será visto adiante. Ainda que houvesse um programa *anti-tsarista*, ele não teria seguido adiante. O apoio (considerável) que Ivaylo recebeu dos *boiardos* periféricos impediriam qualquer grau de radicalização acima da tolerada por esses *boiardos*, *boiardos* esses que Ivaylo queria tanto comandar. Pode-se afirmar que é impossível definir que não havia um programa antissistema, até porque já houve consciência de classe suficiente para erguer um movimento rebelde, mas os limites desta consciência, limites esses somados com o apoio de alguns *boiardos* e com atitudes não-revolucionárias do próprio Ivaylo praticamente impedem qualquer aspiração de sucesso que dificilmente possa ter sobrevivido no exército camponês, se é que chegaram a existir. As diretrizes acabaram por seguir os desígnios do criador de porcos.

Ivaylo possuía visões de grandeza referentes à sua pessoa, e com o acréscimo desta aristocracia periférica, chamar-se de *tsar* não era o maior dos absurdos para ele. O *Tsarstvo* era governado por dois *tsares* quando do início da rebelião: um era uma criança, Miguel Tikh, filho de Constantino Tikh, o outro impetador, que havia se afastado do governo por motivos de saúde, e era visto como fraco. O governo era exercido pela *tsaritsa* (imperatriz búlgara), que era temida e odiada pelos *boiardos*, em sua maioria (obviamente ela deve ter conquistado o apoio de alguns deles, ou não teria conseguido se

manter “governante” até Ivaylo alcançar o trono), que esperavam por uma oportunidade para se ver livres dela.

Ivaylo chega a Tarnovo e se torna uma outra força a ser considerada na disputa pelo poder, e, por um tempo, ele consegue ser o vencedor. Por ele ser um criador de porcos, e o seu movimento ter nascido como um movimento camponês de resistência, convém aos historiadores “marxistas” classificar esse movimento com roupagens revolucionárias e classistas. É onde se insere a leitura acerca da estrutura econômica e política medieval, bem como as reflexões a respeito de luta e consciência de classe.

Devido à magnitude da dimensão deste evento, a bibliografia é extensa, principalmente a de berço búlgaro, mas a dificuldade de acesso ao material (búlgaro) e a quase ausência de um tratamento disso na historiografia ocidental conduz ao estudo de caso do historiador Petr Petrov enquanto estudo de caso desta etapa analítica do trabalho.

A própria Bulgária haveria de atravessar seu período de comunismo enquanto ideologia oficial do governo, tal qual boa parte dos países do leste europeu após a segunda Guerra Mundial. A grande maioria desses países do leste europeu adotaram uma mesma vertente política enquanto corrente oficial do governo desses países, o que trouxe uma série de implicações políticas, econômicas e intelectuais. Para buscar legitimação, mostrar-se como um herdeiro histórico de um movimento do século XIII, para transmitir noções nacionalistas em concordância com a ideologia governamental, a bibliografia búlgara do recorte da Guerra Fria está permeada de alterações, falsificações e incongruências históricas, tal qual a historiografia de seus vizinhos balcânicos, e a revolta de Ivaylo não é diferente. Petrov se configura em um exemplo a ser analisado neste sentido.

Portanto, na etapa seguinte do trabalho, buscar-se-á analisar uma obra específica, como mencionado anteriormente, comparando-a diretamente com a fonte (única) utilizada pelo trabalho do autor mencionado, e realizar uma análise crítica do discurso pró-governamental *versus* a fonte de época, criando um amálgama textual e separando, ou ao menos buscando separar, a história da propaganda, apontando justamente as incompatibilidades e apresentações. Esse esforço historiográfico apresentará uma perspectiva analítica marxista e, assim, oportunizar-se-á uma comparação entre a análise historiográfica marxista (autodenominada consistente) e a pseudo-marxista, nacionalista e falsificante.

## PROBLEMAS HISTORIOGRÁFICOS: O CASO DE PETROV ENQUANTO ESPELHO DO STALINISMO INTELECTUAL

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o estado Búlgaro foi reconfigurado enquanto um Estado da esfera de influência soviética. Neste capítulo, analisa-se pontos em que a historiografia se transforma em uma ferramenta de controle ideológico, ou ao menos almeja ser, na qual relaciona a ideologia do Estado com a fabricação artificial de uma história inexistente (ao menos em parte).

O surgimento dessa ideologia ocorre durante a disputa política na União Soviética após a morte de Lenin. Aquilo que se configura enquanto stalinismo, de forma superficial/popular (e, ainda assim, negada por alguns, ao menos em sua nomenclatura), foi definido com terminologias distintas (stalinismo, termidor, bonapartismo, burocratismo), mas que, em sua essência, possuem o mesmo significado, sintetizado quanto à crítica à direção governamental da União Soviética.

Elevando-se acima das massas trabalhadoras, a burocracia regula estas contradições. Utiliza esta função para fortalecer a sua própria dominação. Através do seu governo descontrolado e obstinado, sem qualquer recurso, a burocracia acumula novas contradições. Explorando este último, cria o regime do absolutismo burocrático. As contradições dentro da própria burocracia levaram a um sistema de escolha a dedo do principal estado-maior de comando; a necessidade de disciplina dentro da ordem seleta levou ao governo de uma única pessoa e ao culto do líder infalível. O mesmo sistema prevalece nas fábricas, nos *kolkhozes*, nas universidades e no governo: um líder está à frente de sua fiel tropa; o resto segue o líder. (Trotsky, 1935, p. 118)

Que não se considere as passagens de Trotsky enquanto passionais; elas não necessariamente eram desprovidas de parcialidade, mas, enquanto marxista, baseavam-se na análise materialista-histórica da conjuntura soviética, na análise de acontecimentos e estatísticas, sem aderir a um discurso anticomunista nem tampouco a uma adoração pela narrativa estatal enquanto absoluta verdade. Seu grupo de apoiadores próximos do Partido Comunista da União Soviética, a Oposição de Esquerda, ideologicamente denominada de Bolchevique-Leninista, não era a única a comungar destas nomenclaturas do sistema político soviético:

[...] o grupo do “Centralismo Democrático” (VM Smirnov, Saprionov e outros que foram perseguidos até à morte no exílio por Stalin) declarou: “O Termidor é um fato consumado!” Os adeptos da plataforma da Oposição de Esquerda, os Bolcheviques-Leninistas, negaram categoricamente esta afirmação. E foi por causa dessa questão que ocorreu uma cisão. Quem provou estar certo? Para responder a esta questão, devemos estabelecer precisamente o que

cada grupo entendia como significando “Termidor”; [...] O falecido VM Smirnov – um dos melhores representantes da Velha escola Bolchevique – considerou que o atraso na industrialização, o crescimento do *kulak* e do *Nepman* (o novo burguês), a ligação entre este último e a burocracia e, finalmente, a degeneração do partido tinha progredido ao ponto de tornar impossível um regresso à via socialista sem uma nova revolução. O proletariado já havia perdido o poder. (Trotsky, 1935, p. 116).

Não cabe a este trabalho tratar da natureza da cisão entre a Oposição de Esquerda e o Centralismo Democrático, ou tampouco da historização das nomeações que o grupo de Stalin foi denominado ao longo do tempo. A passagem serve para ilustrar que não apenas um indivíduo – ou o grupo que este indivíduo representa – realiza uma crítica parcial e não passional. O balanço é que a retórica era, se não universal, familiar aos vários grupos de oposição.

O bonapartismo seria extremamente fundamental para o aparelho soviético: em meio a uma sociedade de contradições, contradições essas que o bonapartismo regia, em caso de surgimento de uma nova ordem política, todo o sistema desmoronaria:

Quanto mais complexas se tornam as tarefas económicas, maiores se tornam as exigências e os interesses da população, tanto mais acentuada se torna a contradição entre o regime burocrático e as exigências do desenvolvimento socialista, tanto mais grosseiramente a burocracia luta para preservar as suas posições, tanto mais cinicamente recorre à violência, à fraude e ao suborno. O constante agravamento do regime político face ao crescimento da economia e da cultura – este facto flagrante encontra a sua explicação nisto, e só nisto: que a opressão, a perseguição e a repressão servem hoje em grande medida não para a defesa do Estado mas pela defesa do domínio e dos privilégios da burocracia. Esta é também a fonte da necessidade cada vez maior de mascarar as repressões através de fraudes e amálgamas. (Trotsky, 1935, p. 118)

Para os fins do presente trabalho, a situação econômica e a posição dos burocratas refletem uma realidade: a conjuntura soviética citada pressupõe um ambiente de censura, onde, como dito anteriormente, as universidades desempenham um papel preponderante nesta realidade. Os próprios historiadores soviéticos atravessaram o processo mencionado:

Os primeiros anos do pós-guerra foram os mais caóticos na experiência dos historiadores soviéticos, que foram obrigados a fazer revisões abrangentes de pontos de vista para se manterem a par dos desenvolvimentos ideológicos, ao mesmo tempo que reconheciam como seus próprios erros de pontos de vista tinham sido prescritos ou tolerados pelo partido pouco tempo antes. A reconstrução ideológica do partido não foi menos prodigiosa do que a reconstrução das cidades soviéticas devastadas e foi muito mais complicada. Ao contrário do construtor soviético, o historiador foi chamado a demolir algumas partes do seu trabalho anterior e, ao mesmo tempo, reconstruir outras. E faltava-lhe um plano exequível: as plantas do arquiteto eram tão incompletas

que o carpinteiro teve de improvisar os detalhes e não conseguiu imaginar a forma da estrutura acabada. As novas opiniões do partido foram expressas de forma tão fragmentada e com tantas contradições aparentes que mesmo os historiadores mais atentos e complacentes não conseguiam entendê-las. (Tillett, 1969, p. 84)

Sublinhar-se-á que não é o objetivo deste trabalho generalizar toda a produção histórica enquanto cúmplice da metodologia bonapartista. Claramente existe um abismo entre as produções de narrativas antagônicas, mas que, devido ao fato de uma delas estar aparelhada com a burocracia, será esta que irá florescer e se disseminar. Em uma sociedade com o aumento do culto à personalidade polvilhada com censuras políticas, torna-se dedutível que as produções históricas não alinhadas com a ideologia do partido não receberiam o prestígio governamental (no mínimo). O tripé “historiografia - desenvolvimento econômico – censura política” conjurou as facetas do domínio intelectual desenvolvido de forma artificial e cercearam a produção independente não alinhada.

Assim, a principal base material do termidor soviético e do fenômeno do stalinismo seria o desenvolvimento econômico alcançado a partir de 1923, abrindo as portas para o surgimento de uma camada privilegiada de administradores, que, em conjuntura de duras contradições, conferiram a essa casta uma crescente autonomia relativa diante da dispersão do proletariado e do isolamento internacional. O stalinismo seria, portanto, uma resultante do termidor soviético, e conformaria um regime de tipo bonapartista em virtude do seu caráter de árbitro dos conflitos sociais e protetor das bases sociais estabelecidas pela revolução contra a burguesia, mas também contra as próprias massas proletárias. (Romão e Monteiro, 2020, p. 185).

O bonapartismo stalinista se conecta com o escopo deste trabalho justamente quanto à sua esfera intelectual. Se, no sistema político, havia um cenário de censura e controle, que justificava a deturpação soviética devido à argumentação de defesa de um novo sistema político, torna-se elementar reconhecer que o aparelho necessita de uma ideologia aparelhada com os interesses do partido. Ainda mantém-se as nomenclaturas marxistas, no entanto, a natureza da produção intelectual segue a linha termidoriana do bonapartismo stalinista.

É notável que o intelectual alinhado com os interesses de Moscou não necessariamente “conjurou um organismo estranho de uma realidade paralela”. O conceito de tradição inventada aplica-se a esse tipo de contexto:

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento

através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições "inventadas" caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. (Hobsbawm, 1997, p. 9-10).

Uma vez que o marxismo se posiciona enquanto socialismo científico, a utilização da ciência enquanto ferramenta metodológica é absolutamente indispensável para a produção de conhecimento através de uma perspectiva marxista. O caráter científico da história se traduz justamente no rigor metodológico da produção narrativa, que configura o objeto de estudo enquanto objeto legítimo de história. No entanto, uma vez que a conjuntura político-econômica soviética se encontrava desfigurada, o mesmo acontecia com a ferramenta metodológica.

A sua principal característica considerada neste artigo é que “sempre que possível, eles tentam automaticamente estabelecer continuidade com um passado histórico adequado”, mas uma continuidade que é “em grande parte fictícia”. Como mecanismo de representação do passado, a tradição inventada tenta criar “exemplos” de história nacional que possam atender às necessidades políticas atuais. Mais importante é que este processo ocorre especialmente “quando uma rápida transformação da sociedade enfraquece ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram concebidas”. (Corduneanu, 2003, p.3)

A história, instrumento, ressignifica-se de acordo com os interesses da burocracia. Posteriormente, comentar-se-á que não apenas na Bulgária tal situação ocorreu, mas que outros países (por consequência, outras historiografias) da antiga Cortina de Ferro. Tratava-se de uma conjuntura internacional, que não impunha barreiras geográficas à sua utilização, punha, sim, barreiras rigorosas de análise historiográfica, e o sucesso econômico justificava o cerceamento científico e/ou político; a liderança soviética, ao exportar “seu” “comunismo” no pós-guerra, traria consigo toda produção aplicada em terras soviéticas, uma vez que a mesma liderança seguiam as diretrizes traçadas por si próprias. Um ambiente de censura não permitiria divergências espontâneas, e essa realidade será encontrada nos Bálcãs.

O regime comunista totalitário usou (e abusou) o passado para a sua legitimação, estabelecendo o monopólio ideológico sobre a verdade histórica (atuando como o "Ministério da Verdade" de Orwell). A influência da política sobre o conhecimento histórico, que também existe noutros lugares, assumiu neste caso formas muito cruas e diretamente ideológicas: “teses” históricas preconcebidas, seleção deliberada e até falsificação de fatos. Os discursos e relatórios dos líderes comunistas Georgi Dimitrov, Vasil Kolarov, Vulko Chervenkov e Todor Zhivkov contêm muitas caracterizações e avaliações de eventos históricos, personalidades e processos que automaticamente se tornaram obrigatórios e, portanto, serviram como instruções sobre como

interpretar a história. A ciência histórica marxista foi pensada em termos quase militares como uma “frente histórica”; os historiadores tiveram que “armar-se” com os instrumentos do marxismo-leninismo-stalinismo. (Daskalov, 2011, p. 324)

Uma vez que a Bulgária adotou o sistema sociopolítico soviético, chamado por Daskalov de marxismo-leninismo-stalinismo, e no presente trabalho de bonapartismo stalinista, o pacote ideológico é absorvido em paralelo. Isso significa que a utilização da história enquanto ferramenta de falsificação e legitimação também é utilizada no país eslavo a sudoeste do Kremlin. Vale a observação, entretanto, que a linha partidária búlgara já estava interligada à soviética justamente em seu momento da apoteose termidoriana, ou seja, a transição de Lenin para Stalin, e a linha do partido já seguia alinhado com Moscou desde muito antes de 1945.

Em Outubro de 1922, o Partido Comunista Búlgaro adotou uma importante decisão sobre a questão da educação. Nele declaravam que “A escola não deveria ser apenas a portadora dos princípios comunistas em geral, mas também da influência ideológica, organizacional e educacional do proletariado sobre as camadas semi-proletárias e não-proletárias das massas portantes, com o objetivo de formar uma geração capaz de estabelecer uma sociedade definitivamente comunista.” [...] As decisões do Partido ajudaram na luta dos professores progressistas contra a dominação burguesa e a reação fascista. Após a conquista do poder popular, os princípios da educação comunista foram apoiados por Georgi Dimitrov em numerosas declarações. Ele enfatizou a necessidade de desenvolver, mesmo na criança, uma vontade firme e pertinacidade, o hábito do trabalho constante e sistemático, a capacidade de terminar o trabalho iniciado e não deixar “para amanhã”. [...] E atribuiu grande importância à questão da formação no patriotismo e no internacionalismo. A principal virtude à qual devemos habituar os jovens” escreveu Dimitrov, “é o amor à pátria e a todos os que cobram.” (Vol. II, pág. 165). Dimitrov foi uma inspiração para a juventude búlgara no movimento de brigadas de ajuda à construção nacional, considerando-a “uma escola insubstituível” para a formação no novo espírito, no espírito de amor à pátria e ao trabalho. Com o estabelecimento do regime democrático popular na Bulgária, começou a utilização extensiva da experiência soviética na organização escolar. (Yerlekhonov, 1959, p. 79-80).

Não cabe analisar todo o processo educacional soviético como um todo. No entanto, vale salientar que, em outubro de 1922, a saúde de Lenin já havia o privado da liderança cotidiana partidária e, conseqüentemente, nacional. Stalin era aquele que desempenhava “as vezes de Lenin”. Há de notar-se o papel da figura do partido para professores e educadores, na fala de Yerlekhonov (que, aliás, aparenta estar alinhado com a diretriz do governo central), além da valorização da pátria e do trabalho enquanto princípios comunistas. A passagem é encerrada justamente com a admissão da exportação

do modelo soviético para a Bulgária, modelo que possuía um objetivo historiográfico: investigar a história em busca de indícios de traços socialistas pré-capitalistas.

A ciência histórica marxista búlgara, em particular, é incumbida (de uma maneira explicitamente pré-concebida) da tarefa de revelar em eventos históricos concretos a manifestação de regularidades objetivas gerais, nas quais se deve ter cuidado para não encontrar traços específicos da história búlgara em contradição, mas antes, em concordância básica com as leis gerais do desenvolvimento histórico formuladas por Marx e Lenin. Mais precisamente, tem de mostrar interesse pelas classes e pelas massas, e não pelas personalidades; prestar especial atenção ao desenvolvimento da classe trabalhadora e do seu partido revolucionário e aos factos que determinaram as vitórias história da revolução socialista; demonstrar que a atual realidade sociopolítica é um “resultado necessário” de toda e especialmente da história mais recente do povo búlgaro; conectar a pesquisa histórica com a prática socialista; e promover o patriotismo socialista, o internacionalismo proletário e a amizade búlgaro-soviética. Segundo Todor Pavlov, em última análise “a história do nosso partido revela-se a chave para a correta compreensão de toda a nossa história moderna e, especialmente, da nossa história contemporânea”. Resumindo, neste conceito a ciência histórica deveria assumir uma posição de classe e partido; aceitar a priori os postulados da verdadeira doutrina sobre as “regularidades” na história; ser militante e educativo; e ao mesmo tempo pretendem ser científicos e apresentar um relato historiográfico verdadeiro do “curso da história” dirigido ao comunismo. (Daskalov, 2011, p. 323-324)

Um desses eventos é, justamente, a revolta medieval de Ivaylo. Sobre este evento em si, já discutido anteriormente, a bibliografia ali utilizada variou em três aspectos: fontes de época bizantinas; leituras historiográficas modernas não-búlgaras e trabalhos contemporâneos de historiadores búlgaros. Não se utilizou, naquele momento, as fontes búlgaras escritas sobre o criador de porcos revoltoso durante o período do bonapartismo stalinista, justamente devido ao seu lugar de objeto de investigação caráter problemático.

Uma vez, feitas as devidas ressalvas sobre a divergência ideológica do bonapartismo stalinista, segue-se uma nova análise das obras sobre Ivaylo; desta vez, com a percepção da utilização da história enquanto ferramenta de legitimação e falsificação, características proporcionais à essência do aparelho. Neste caso, trabalhar uma obra de “berço stalinista”, da autoria de Petr Petrov, e esmiuçar as problemáticas narrativas na obra encontradas.

O desenvolvimento das relações feudais na Bulgária na segunda metade do século XIII levou a uma acentuada deterioração da situação do campesinato. Os camponeses não só eram completamente dependentes do governo central, dos *boiardos* e da igreja, mas também perdiam constantemente as suas liberdades pessoais. Eles definharam sob o peso dos impostos e taxas feudais. (Petrov, 1982, p.277)

Esse apontamento, por si só, demonstra ser problemático, ao menos, quanto à sua apresentação. Petrov já projeta no passado a Bulgária contemporânea na de Ivaylo e estabelece esta última como uma Bulgária em processo de desenvolvimento feudal. O objeto de estudo torna-se delicado, por estar envolto nas névoas de um passado não documentado de forma escrita por seus personagens principais (ao menos, tal documentação ainda não foi catalogada e, na maior parte dos casos, existe uma dependência de fontes bizantinas). O próprio autor reconhece essa realidade, mas não interrompe seu processo narrativo por este motivo:

As informações envoltas em mistério. De acordo com Pachymer, “Ivaylo começou a convencer seus camaradas e outros moradores a se levantarem para lutar contra seus mestres, imaginando grandes coisas para si mesmo”. Suas palavras foram recebidas com simpatia e riso, Pachymer dificilmente poderia saber exatamente como Ivaylo falava com seus companheiros. No entanto, tendo em conta que Ivaylo incitou uma rebelião, que queria governar o povo, torna-se claro que apelou à luta contra a autoridade estatal existente. Muitas vezes dizia as mesmas palavras aos outros camponeses e criadores de porcos, dizendo que lhe tinham aparecido santos, incitando à rebelião e ao domínio do povo, O entrelaçamento do elemento religioso com a luta armada era comum na Idade Média. A luta contra o sistema sancionado pela Igreja tinha de ser travada em nome de deus. Por causa disso, foi Ivaylo quem disse que os santos lhe apareceram e incitaram o povo à revolta [...] (Petrov, 1982, p. 278)

O autor demonstra reconhecer a dificuldade em retratar o passado em um momento para, no seguinte, afirmar que “torna-se claro que apelou à luta contra a autoridade estatal existente”. As fontes relatam que o levante de Ivaylo ocorreu após uma série de investidas tártaras ao reino búlgaro, que, por instabilidades políticas, foi incapaz de recorrer ao combate. Tal é o cenário de início da revolta. Se houvera uma indisposição tamanha particularmente com o governo de Tarnovo, de forma exclusiva, por que a revolta escolhera aquele momento para se insurgir? Não há como oferecer respostas precisas, pode-se realizar uma interpretação narrativa e crítica daquilo que as fontes afirmam, jamais pressupor que “torna-se claro”. Petrov afirma o mesmo ao se referir sobre Pachymeres (ou, como Petrov o chama, Pachymer), na qual dificilmente haveria como saber exatamente como Ivaylo falava com seus companheiros, mas, aparentemente, Petrov não atravessa as mesmas dificuldades, pois coloca, sem espaço para dúvidas, que, como o elemento religioso muitas vezes se entrelaçava com a luta armada (ainda que não cite fontes sobre o assunto), Ivaylo teria se aproveitado desta narrativa para tirar proveito em seu próprio benefício. Nada é dito sobre a possibilidade de Ivaylo realmente acreditar em sua narrativa. Não é possível interpretar seus pensamentos, apenas suas atitudes, de forma que colocar seu comportamento como algo definido torna-se problemático. O

próprio cronista bizantino, Pachymeres, é invocado de forma a solidificar (aparentemente) as posições do autor, sem que o escritor búlgaro cite, de forma mais clara, a qual passagem se refere.

As informações envoltas em mistério. De acordo com Pachymer, “Ivaylo começou a convencer seus camaradas e outros moradores a se levantarem para lutar contra seus mestres, imaginando grandes coisas para si mesmo”. Suas palavras foram recebidas com simpatia e riso, Pachymer dificilmente poderia saber exatamente como Ivaylo falava com seus companheiros. No entanto, tendo em conta que Ivaylo incitou uma rebelião, que queria governar o povo, torna-se claro que apelou à luta contra a autoridade estatal existente. Muitas vezes dizia as mesmas palavras aos outros camponeses e criadores de porcos, dizendo que lhe tinham aparecido santos, incitando à rebelião e ao domínio do povo. O entrelaçamento do elemento religioso com a luta armada era comum na Idade Média. A luta contra o sistema sancionado pela Igreja tinha de ser travada em nome de deus. Por causa disso, foi Ivaylo quem disse que os santos lhe apareceram e incitaram o povo à revolta [...] (Petrov, 1982, p. 278)

A passagem demonstra justamente a utilização do cronista bizantino enquanto uma identidade que supostamente conferiria autoridade de causa e discurso para aquele que o cita, embasando o seu estudo e conferindo cientificidade. No entanto, diferentemente da primeira citação realizada neste trabalho, na qual Petrov menciona Pachymeres ao se referir tanto à convocação de Ivaylo aos outros camponeses quanto à desconsideração que estes nutriam (num primeiro momento) pelo futuro líder da rebelião, a descrição de Pachymeres sobre o evento, se referindo a ataques a propriedades feudais, não foi realizada em nenhuma passagem em sua narrativa sobre a rebelião de Ivaylo, ou Lakhana, como ele chama:

Havia lá um camponês, chamado Burdokva, que criava porcos mediante pagamento. A língua grega aproxima esse nome de “vegetal” (Lakhanikov), por isso ele também é chamado de Lakhana. [...] Conversava frequentemente com os seus companheiros, que eram como ele, e era evidente que gostava muito de si mesmo. Eles prefeririam rir dele do que acreditar nele. Aí ele foi dominado por tantas esperanças, não sei de onde vieram, ele ficou atento a si mesmo e ofereceu orações a Deus da melhor maneira que pôde. [...] Portanto, ele passou a maior parte do tempo pensando e pensando que facilmente obteria algum poder. Muitas vezes ele dizia a mesma coisa àqueles camponeses e pastores de porcos, como eles contavam sobre algumas aparições de homens santos que o encorajaram a rebelar-se e a tomar o poder sobre o povo. E porque ele sempre contava essas coisas, as pessoas acreditavam nele e já o tratavam de forma diferente de antes. Ele anunciou que o tempo marcado para a rebelião estava próximo. E então um dia ele disse que recebeu um sinal de ação e imediatamente os alista como seus assistentes. E eles o seguem, na esperança de realizar algo grande. Eles se espalharam por todo o país e espalharam o nome do pastor de porcos, [dizendo] que ele havia recebido um sinal de Deus para governar. E falando [assim], eles imediatamente convenceram o povo, e a cada dia [mais e] mais [adeptos] se juntaram a ele. [...] E então Lakhana caiu sobre um destacamento tártaro, atacou-os com os homens que ele liderava, e os derrotou totalmente. E ele faz o mesmo nos outros dias. E assim, em poucos dias, ele ficou famoso. As regiões juntaram-se a ele e estavam plenamente

convencidas de que ficariam bem sob o seu governo. E Lakhana foi glorificado em todos os lugares. Não se passou um dia em que ele não ganhasse mais adeptos que o anterior, e se mostrasse ousado nos ataques. (Pachymeres, 1980, p. 179-180)

É notório que, por mais que George Pachymeres reconheça o sucesso militar de Ivaylo, em nenhum momento ele menciona “ataques a propriedades feudais”. Se ele falava em conquistar o poder, ele não poderia possuir como alvo o sistema econômico e político da Bulgária medieval, pois, segundo Pachymeres, ele “anunciou que o tempo marcado pela rebelião estava próximo”. Mais uma vez, o momento “escolhido” para o início do levante coincide com a narrativa de Pachymeres, na qual haveria uma espera pelo momento ideal. Ainda que não necessariamente aquilo que ocorrera represente aquilo que o cronista narra, a sequência dos acontecimentos coincide num denominador comum. O momento de início acaba coincidindo com os ataques tártaros, não com o governo do *tsar* Constantino Tikh.

Sem citar a passagem de sua fonte, o historiador búlgaro utiliza Pachymeres de forma seletiva e criativa até. Ao utilizar uma passagem fidedigna da bibliografia, Petrov se mune com a autoridade do bizantino para, em sequência, levantar uma pauta de caráter socialista – o ataque à propriedade feudal – que não ocorre na bibliografia de época. O passado se converte em uma narrativa livre, que pode ser moldado de forma a atender os interesses daqueles que a “detém”.

A revolta começou como uma luta antifeudal, [...] logo, porém, os insurgentes dirigiram os seus esforços contra as marchas dos tártaros. Com a total passividade da classe dominante e sobretudo do governo czarista face aos ataques dos bandos tártaros, foi necessário que o próprio povo pensasse na sua própria proteção. Porque as fontes relatam que as hordas tártaras faziam ataques diários e saqueavam as propriedades de as estações. (Petrov, 1982, p.279)

Se as fontes referidas se resumem a Pachymeres, já que Petrov não cita outra em seu trabalho utilizado no presente texto (e até aonde há de se considerar Pachymeres uma fonte para o escritor búlgaro, e não como uma ferramenta meramente ilustrativa?), essa passagem demonstra mais uma vez a invenção de um elemento anti-feudal e a inversão do protagonismo bélico na narrativa. Ainda que o texto de Pachymeres tenha um caráter obviamente propagandístico, uma vez que estamos falando de um cronista bizantino que atuou como embaixador de Constantinopla, servindo aos interesses do imperador Miguel VIII Paleólogo, os ataques diários partem de Ivaylo, não dos tártaros. Não cabe ao

presente trabalho pressupor quem atacava quem, narrativas propagandísticas à parte, mas, se Petrov evoca as fontes para afirmar que a bibliografia aponta os diários ataques tártaros, a única fonte utilizada por ele é justamente Pachymeres, e Pachymeres fala justamente o oposto do que alega o escritor búlgaro.

Outra incompatibilidade discursiva com Pachymeres diz respeito à postura de Maria Cantacuzena e do imperador bizantino, Miguel VIII Paleólogo. No decorrer da rebelião, Maria Cantacuzena casa-se com Ivaylo. Na ocasião, representou a melhor alternativa para Maria manter-se como rainha da Bulgária e seu filho, Miguel Tikh, como herdeiro do trono e, para Ivaylo, a forma mais rápida de chegar ao poder ao mesmo tempo que tentava se revestir de uma proteção de caráter aristocrático que solidificassem sua autoridade. Porém, as narrativas descrevem a sequência dos acontecimentos de forma não-singular.

Antes de tomar qualquer ação contra Ivailo, o governo bizantino decidiu negociar com a rainha Maria e os boiardos em Tarnovo. O imperador pensou que depois de atrair uma parte dos boiardos búlgaros, ele seria capaz de conquistar o resto também. Para este propósito, agentes bizantinos chegaram a Tarnovo, que deveriam providenciar a rendição de Maria e a proclamação de Ivan Asen III como tsar búlgaro." O avanço dos bizantinos foi acompanhado de grandes crueldades. O campesinato e os pobres urbanos foram massacrados, os boiardos e os cidadãos mais ricos, que foram inicialmente capturados, foram posteriormente alistados no exército de Ivan Asen." [...] Presos entre dois males, como escreveu Pachymer, as rainhas e os boiardos não tiveram forças para lutar em duas frentes. A rainha e os boiardos deram um ao outro um relato preciso da situação. A rendição aos bizantinos significou para Maria uma privação do trono, e para os boiardos uma redução de seus privilégios e o domínio dos partidários de Ivan Asen III. A princesa e os boiardos nem queriam pensar em um acordo com o insurgentes. Afinal, era como se os bizantinos fossem o menor mal para eles. Das coisas possíveis, observa Pachymer, a rainha preferiu recorrer ao imperador." (Petrov, 1982, p. 282)

Essa passagem levanta um questionamento: o território búlgaro estava sendo alvo de surtidas tártaras e Tarnovo não conseguia mobilizar tropas para enfrentá-las; os camponeses, que os enfrentaram por conta própria, (ao menos, o seu líder) tornaram-se desejosos de reivindicar o *Tsarstvo* e marchavam, imbatíveis, contra Tarnovo. Os bizantinos possuíam seu próprio candidato, João (ou Ivan) Asen III, no qual esperavam que pudessem controlar a Bulgária por intermédio dele, como um fantoche. Por que Maria Cantacuzena decidiu aliar-se com Ivaylo? Por que não com o imperador bizantino, seu tio, e João Asen III, ambos de berço nobre como ela?

A visão de Petrov sugere uma resposta alternativa: vendo os camponeses enquanto uma classe antagônica à aristocracia, Ivaylo e Maria Cantacuzena representavam, naquele

momento, as lideranças búlgaras dos *fronts* de batalha que moviam a luta das classes. Dessa forma, os bizantinos seriam rivais, adversários, mas jamais inimigos do patamar dos camponeses, uma vez que seriam da mesma classe. Nota-se que em nenhum momento, até então, Petrov se utiliza de nomenclaturas e terminologias características do socialismo científico, como “luta de classes”, ou “revolução”, o que ainda permite ao autor o benefício da dúvida. No entanto, os indicativos estão lá: o aparelho búlgaro sofreria uma série de medidas negativas em caso de sucesso bizantino (privação do trono, redução de privilégios, domínio de partidários do *tsar* adversário), mas, mesmo assim, seria impensável um acordo com os insurgentes, de forma categórica, e esses malefícios ainda haveriam de ser melhores do que um sucesso do criador de porcos. Mas, então, por que Maria e alguns *boiardos* de Tarnovo se aliaram com Ivaylo e para ele abriram os portões da cidade?

Ficou claro para Miguel VIII Paleólogo que o medo dos insurgentes fez com que a rainha e seu povo recorressem à reconciliação com Bizâncio. O imperador viu que eles evitavam resolutamente o acordo com Ivailo e também que não estavam em condições de se opor aos bizantinos com tropas. E porque tinha o apoio de uma parte significativa dos boiardos búlgaros, recusou a ajuda solicitada e insistiu na capitulação incondicional da tsarina." [...] Como o imperador era inflexível, não havia outra saída senão procurar um acordo provisório com Ivaylo. (Petrov, 1982, p. 282-284)

O maior fator, portanto, para impedir uma aliança entre Cantacuzena e Paleólogo justamente fora a forte posição do governador bizantino. O autor se exime de discutir as discordâncias religiosas deles, por mais que ambos possuíssem interesses de classe em comum, não houve possibilidade de estabelecer uma aliança, graças aos objetivos pessoais de Miguel VIII. Somente então Maria procurara por Ivaylo.

A princípio, Ivaylo e os outros voivodas rebeldes rejeitaram a proposta da rainha, mas logo a aceitaram. Ivailo entrou em Tarnovo com o exército insurgente e na primavera de 1278 foi proclamado rei da Bulgária: ao mesmo tempo casou-se com a rainha Maria. O comportamento de Ivaylo foi ditado pela situação específica. Caso contrário, os rebeldes teriam que lutar em três frentes - com os bizantinos, com os tártaros e com o exército Tarnovo. [...] Surgiu uma contradição entre Ivaylo e os insurgentes, por um lado, e a rainha e os boiardos, por outro. Logo eclodiu um conflito entre Ivaylo e Maria. [...] Cercado por inimigos por todos os lados, Ivaylo não se desesperou e não tinha intenção de depor as armas. Precisamente agora, na situação extremamente difícil, ele mostrou toda a sua determinação, coragem e razoabilidade. Acima de tudo, foram tomadas medidas para defender o país contra o avanço das tropas bizantinas. (Petrov, 1982, p. 284-285)

Nesta situação, a posição de Ivaylo imediatamente se torna similar à da *tsarina*: ele precisava concordar com a aliança, pois estava cercado entre três exércitos. No

entanto, até aquele momento, ele havia enfrentado dois desses três, os tártaros e as tropas do finado Constantino Tikh, e ele prevalecera contra ambas. A adição das forças militares bizantinas ao cenário bélico na Bulgária pode ter sido suficiente para forçar Ivaylo à posição de obrigatoriedade do estabelecimento de uma aliança com um elo (militarmente e politicamente fraco) da disputa pelo poder na região? Talvez. Mas há de ter-se em conta que a bibliografia foi unânime, em suas narrativas, em apontar os sonhos e as visões de grandeza de Ivaylo para si mesmo. Ao casar-se com Maria, o próprio aparelho o acolheria e o aceitaria como parte integrante, e ele realizaria suas visões e sonhos (ao menos, com maior facilidade perante comparação à uma tomada militar). Ele poderia, sozinho, ter alcançado tais objetivos? Talvez. No entanto, há sempre de se recordar que Ivaylo acabou por ser levado pela situação específica daquela situação. No início ele rejeitara a proposta de Maria Cantacuzena, mas acabou, assim, sendo obrigado a realizar suas próprias ambições reais de poder.

A narrativa construída por Petrov não só aparentemente é confusa, é, de fato. Não há de se esquecer que a obra búlgara é escrita no contexto da Bulgária stalinista. Ao elevar Ivaylo à posição apoteótica de acordo com os interesses do partido, sua história entra em contradição, pois deve-se converter em um instrumento do sistema perante o imaginário da população. Por isso, o líder camponês que luta contra a opressão do sistema feudal não deveria escolher se aliar (inclusive matrimonialmente) com o opressor feudal. Tampouco se trata de afirmar que sim, este era o desejo do criador de porcos, mas há de se recordar que as fontes são categóricas em citar os seus sonhos pelo poder.

O próprio Yakubovsky representa outro exemplo desta postura. Historiador soviético dos anos 1950, ele foi citado anteriormente a respeito dos tártaros, e adotou a mesma postura de Petrov.

A luta heroica do povo russo contra os tártaros é descrita [...] no capítulo “Horda de Ouro e Rus”. Menos conhecida é a resistência heroica oferecida após a captura da região do Volga pelos esforços conjuntos dos búlgaros e polovtsianos. Esta foi, no sentido pleno da palavra, uma revolta na retaguarda do exército tártaro durante a campanha de Batu para o Ocidente. As informações sobre esta revolta foram preservadas em duas fontes persas – Juvaini e Rashid al-Din. A revolta foi liderada pelos líderes búlgaros Bayan e Dzhinu, o líder polovtsiano Bachman da tribo Alirlik (al-Burli).<sup>4</sup> e o líder As (Alan) Kachir-Ukule. Aparentemente, a figura mais enérgica aqui é Bachman. Para reprimir a revolta, foram enviados Subedey e Mongke, que então faziam parte do exército de Batu. Os tártaros não conseguiram liquidar este movimento patriótico por muito tempo. (Grekov E Yakubovsky, 1950, p. 58-59).

Nessa passagem, uma revolta de búlgaros e polovtsianos na retaguarda do exército tártaro serve de exemplo. Trata-se de uma resistência heroica contra os conquistadores tártaros, descritos em momentos como “bárbaros”. Além da resistência heroica, há outro ato de heroísmo, a luta do povo russo contra os tártaros. Ainda que a região do Volga tenha sido capturada, foi uma luta heroica, assim como essa resistência patriótica ocorrida aparentemente em momentos posteriores. Petrov não estava sozinho em sua jornada nacionalista de defesa de um interesse partidário de reescrita da história. Um heroico movimento patriótico de resistência converge totalmente com a ideia de comunismo bonapartista adotado pelos stalinistas. Tamanha unidade e coordenação é revestida de elementos contemporâneos que são moldados para espelharem eventos passados que estariam se repetindo e revestindo de glória comunista o imaginário popular acerca do evento, ou assim poderia esperar o partido comunista. Uma ideia de comunismo primitivo, onde há um revestimento de nacionalismo de esquerda com noções contemporâneas de política e revolta nada mais é do que uma forma de reescrever a história da maneira que parece mais apropriada, inserindo o presente no passado como que naturalmente.

A ideia de que a história é capaz de alcançar a sua própria realização: a vitória do “progresso sobre as forças reacionárias” abrindo “o caminho do bem-estar da nação” (Bozhikov et al. 1946: 434) como base da “sua felicidade”, foi construído. Por outro lado, esta forma específica de remodelar o passado, imposta por antigos historiadores oficiais, estabeleceu uma camada de identificação relativamente sólida, que podia ser facilmente discernida nos pontos narrativos, livres da pressão da política atual. (Dimitrova, 2003, p. 64)

Porém, a narrativa apresentada por Petrov sobre o casamento de Ivaylo com Maria Cantacuzena e a elementar aliança que seguiu posteriormente pouco ou nada remete ao que haveria dito Pachymeres (1980), o contemporâneo da revolta. Pois, a narrativa histórica precisava ter uma função para o partido, e aquilo que Pachymeres fala sobre este texto vai de encontro com o que o escritor búlgaro pôs em suas linhas.

Pachymeres (1980) afirma também que, quando o movimento revoltoso se iniciou, voltou-se contra os invasores tártaros, num primeiro momento. Pachymeres afirma que Lakhana possuía sonhos de grandeza, mas o bizantino não nomeava tais sonhos como Petrov o fez. Ivaylo conquistou grande fama ao lutar contra os tártaros. Neste momento, é arriscado afirmar precisamente que tal sonho se traduzia em um movimento antifeudal. E, como o próprio Pachymeres afirma, “E então Lakhana caiu sobre um destacamento

tártaro, atacou-os com os homens que ele liderava, e os derrotou totalmente. E ele faz o mesmo nos outros dias.” (Pachymeres, 1980, p. 180). Não se trata da frequência em que os ataques tártaros ocorriam antes, mas, uma vez iniciada a revolta, era o criador de porcos quem realizava ataques diários. Tampouco afirma-se que tais ataques não possam ter acontecido, mas a questão se centra justamente nas incongruências das narrativas. Petrov evoca (apenas) Pachymeres, esporadicamente, como se o autor bizantino e ele concordassem em suas visões. Não é o que acontece.

Isso se torna ainda mais evidente na questão da união de Maria com Ivaylo. O escritor búlgaro muito comentou sobre a situação, mas nem sempre houve acordo com Pachymeres, para utilizar um eufemismo. O próprio Pachymeres escreve que houve uma possibilidade de negociação de uma aliança do imperador bizantino com Lakhana, que partiu justamente neste sentido, o que eximiria Ivaylo de sair em busca de aliados feudais, mas ainda assim houve uma iniciativa bizantina (mínima e apenas inicial) de acordar com Ivaylo. Petrov nada teve a dizer sobre o assunto.

Estando entristecido, como era apropriado, por este evento inesperado, e desejoso de garantir seus ganhos, na medida em que estivesse em posse segura deles após a morte de Constantino, o imperador desejou assegurá-los ainda mais por meio de sua reaproximação com Lakhana. E tendo enviado homens, ele se esforçou para reunir informações sobre o bárbaro, para que pudesse saber se ele seria capaz de avançar no futuro, tendo começado tão modestamente e conseguido tanto facilmente. E pretendendo casá-lo com sua filha, se [os enviados] considerarem que ele é digno de governar os búlgaros. Mesmo assim, ele viu a inconstância do destino, que agora concede os maiores bens e depois, inclinando a balança para o outro lado, tira o que uma pessoa tem há muito tempo, e [ele também viu que] a virtude certamente faz isso, que um homem tem, e o faz ter esperança de conseguir o que não tem. Portanto, ele suspeitava fortemente que o destino, tendo dado muito inesperadamente, rapidamente tiraria tudo, e que o que ela deu, quando não houvesse benfeitor, desapareceria rapidamente, de modo que uma pessoa não poderia ser capaz de se alegrar por ter recebido, e já se arrepende de tê-lo perdido. Portanto, considerando estas coisas, ele reuniu o seu povo e consultou. Ele percebeu que o governo búlgaro precisava necessariamente de um futuro governante. E o imperador se opõe a Lakhana [...]. Ele preferia João, porque era digno de autoridade por nascimento e laços familiares. Muitos gostaram da opinião de que o filho de Mitso deveria se tornar genro do imperador e, portanto, sendo colocado no trono que antes lhe pertencia, deveria ser apoiado pelo próprio imperador, por um lado, por conta dos direitos de Mitso e a boa atitude de seus avós para com os romanos e, por outro lado, pela preocupação do imperador com ele como sogro de genro. Era natural que Lakhana, orgulhoso de sua felicidade repentina e um tanto humilhado pelos ataques das tropas romanas que ali apareciam, caísse na escravidão ou fugisse e se escondesse, já que não havia onde se fortificar. Os cidadãos de Tarnovo trairiam facilmente Maria e o seu filho, porque os males contra eles não eram tão pequenos que pudessem ser esquecidos. (Pachymeres, 1980, p. 181-182)

Essa passagem demonstra que houve, da parte, da parte de Miguel Paleólogo, uma disposição inicial de casar sua filha com Ivaylo. As fontes se silenciaram sobre o que os rebeldes pensariam e o que realizariam perante tal oportunidade de aliança. Neste sentido, há de se considerar a essência aristocrática, de fato. Aparentemente, Miguel VIII Paleólogo considerou que João Asen III representaria um aliado melhor para os interesses bizantinos na Bulgária. Miguel pode ter considerado João mais dependente, e mais fácil de ser passível da interferência bizantina, uma vez alçado ao trono búlgaro graças aos bizantinos. E para Miguel, os boiardos poderiam aceitar melhor um *tsar* de nome Asen do que um criador de porcos. O próprio autor búlgaro parece desenvolver semelhante raciocínio:

Ivan Asen III devia seu trono à intervenção das tropas bizantinas e à cooperação dos boiardos de Tarnovo. Também não tinha autoridade entre a aristocracia feudal búlgara, razão pela qual a diplomacia bizantina fez maiores esforços para fortalecer a sua posição. Uma das personalidades mais proeminentes e influentes de Tarnovo naquela época era o boiaro George Terter. [...]. Tendo recebido o título de déspota e estando à frente de o exército búlgaro, Georgi Terter casou-se com a irmã de Ivan Asen III [...] A conclusão deste acordo deveu-se em grande parte à reviravolta que ocorreu nas hostilidades. O exército rebelde conseguiu quebrar o cerco de Druster e iniciar uma ofensiva. Os tártaros foram derrotados e os insurgentes dirigiram-se novamente para Tarnovo. Impressionados com esses sucessos e diante do medo de uma nova entrada de Ivaylo na capital, Ivan Asen III e George Terter fizeram concessões mútuas e chegaram a um acordo [...] Numa situação tão complicada, o acordo entre Ivan Asen e Georgi Terter foi alcançado às custas do líder militar tártaro Kasim Bey, que perdeu o seu posto de protoestrator. Seu posto foi assumido por Georgi Terter, cuja assistência era especialmente necessária no momento pelo novo rei búlgaro. O ambicioso príncipe tártaro, movido por esta injustiça, passou para o lado de Ivaylo. E já no início da primavera de 1279, as forças unidas dos insurgentes e tártaros infligiram derrotas significativas às tropas de Ivan Asen III e os bizantinos logo apareceram sob as muralhas de Tarnovo, O novo avanço dos insurgentes foi completamente inesperado e causou grande alarme na capital bizantina. Ali viram que a obra construída com tanto esforço estava fadada ao fracasso. (Petrov, 1982, p. 287)

No tocante à Maria Cantacuzena, há um certo acordo inicial entre os dois autores:

Maria entendeu que se encontrava em uma situação desesperadora e que estava cercada por dois males: por um lado, o mal recém-aparecido - Lakhana estava caindo e devastando o país e conquistando as terras vizinhas apenas com ataques, e, por outro lado, o avanço das tropas do imperador tornou-se cada vez mais numeroso. Eles causaram danos aos pobres de [porque viviam] fora da cidade, e aos da cidade e aos nobres [tentaram atraí-los de todas as maneiras]. Portanto, terríveis ansiedades atormentavam a alma da mulher assustada, tanto para ela mesma e para seu filho [...]. E como não podia se opor a ambos os partidos, decidiu atrair um dos dois, mas para obter mais benefícios com seu passo. Ela decidiu, portanto, que era apropriado abordar o imperador, o que sem dúvida era adequado para ela, que estava observando os requisitos da castidade e seus deveres para com o falecido marido (e os deveres eram, sem dúvida, não coabitar com o assassino). Era apropriado que ela

procurasse ser salva por aquele de quem ela havia recebido a dignidade real. Então ela decidiu que era justo recorrer ao imperador e perguntar-lhe. Mas ela percebeu quão pouco o que ela desejava seria de alguma utilidade para ela, e que era muito irreal. (Pachymeres, 1980, p. 185)

Anteriormente, se Petrov silenciava a possibilidade de um acordo inicial entre o imperador bizantino e o criador de porcos, ele não se esquivava de apontar que Cantacuzena procurara seu tio em primeira instância. O exército bizantino, ao adentrar a Bulgária, assassinou pobres, tanto Pachymeres quanto Petrov concordam. Os enviados de Bizâncio para tratar com Maria também se encontram nas duas narrativas. No entanto, a natureza de seu contato escapa a uma convergência, assim como a postura de Ivaylo em relação à guinada de Maria para realizarem uma aliança. Enquanto Petrov afirma que o impulso inicial foi de rejeição, a necessidade da conjuntura política de momento forçava sua mão a aceitar a aliança. Já Pachymeres não menciona essa rejeição inicial, mas conta que Lakhana ficou orgulhoso e aceitou, após um momento de autoapreciação. O cerne desta questão não se trata de quem está certo ou errado, ou quem falou a “verdade” ou não, mas nas diferenças das narrativas, e onde tais diferenças ocorrem:

[...] Decidiu então ignorar as suas obrigações para com o falecido, ignorar as censuras das pessoas, se, sendo amante, se entregasse a tal pessoa, desde que entendesse que a sua decisão seria benéfica para ela e para o filho. E era, ao que parecia, render-se completamente ao pastor de porcos, abrir-lhe as portas do reino e da cidade, e associar-se e viver com ele como um rei. Tendo discutido estas coisas, ela imediatamente enviou pessoas (pois a embaixada do imperador não permitiu que ela demorasse), para abrir uma conta ao bárbaro seu desejo e intenção. E quando ouviu isso, a princípio ele pareceu orgulhoso e começou a se exibir diante dos mensageiros, um tanto orgulhoso do fato de ela se apressar em conceder-lhe o poder que ele ainda não havia conquistado pela espada e com um exército mais forte. Porém, ele aceitou os termos do casamento com muita força e firmeza. [...] Ele temia ser abrandado pelas maneiras daqueles que o aceitariam e que o desprezariam grandemente, quando, no entanto, ele consentiu pelo bem da paz, e que nenhum sangue deveria ser derramado em guerras internas, mas como um homem que iria não aceitar, mas mostrar favor. Depois de as duas partes terem feito um contrato juramentado, ela abriu-lhe as portas e, recebendo-o lá dentro, casou-se com ele. E por enquanto assumiram juntos os sinais do poder real, e assim ela preparou, como pensava, um oponente digno do imperador. (Pachymeres, 1980, p. 185-186)

A presença das incompatibilidades das narrativas entre Petrov e Pachymeres podem parecer naturais à metodologia da ciência histórica, salvo o reconhecimento de que não existe historiografia neutra. Se há uma narrativa propagandística por parte de George Pachymeres, também há pelo lado de Petrov. Se o bizantino adota uma linha

analítica baseada em uma identidade imperial romana<sup>1</sup> o búlgaro realiza o mesmo, no entanto, os traços de tal nacionalismo búlgaro aparecem marcadas pela presença do stalinismo enquanto filosofia de produção histórica.

A narrativa histórico-materialista possuía uma estrutura normativa única, proclamada como seu caráter acadêmico, objetividade, imparcialidade, pois replicava a normatividade da história positiva. Tal narrativa abriu espaço para um final feliz, que se tornou uma patente certificada da história ideológica da linha partidária. A narrativa nacional promoveu a ideia de justiça enquanto a ideológica promoveu a identificação com os vencedores. Os derrotados se transformam em vencedores. Como uma história carregada de contratempos e desespero terminou na felicidade da felicidade, e quem foi o salvador? A resposta estava na narrativa ideológica, e essa mesma narrativa foi responsável por incutir um sentimento de orgulho; o orgulho nacional teve inevitavelmente de passar pelo orgulho do partido comunista, a lealdade ao povo - através da lealdade ao partido, da resolução do problema nacional - através da resolução dos problemas internacionais. (Dimitrova, 2003, p. 67)

Esse orgulho nacional encontra em Ivaylo um candidato a símbolo de uma luta por um “socialismo precoce e em um país só” na Bulgária, que ajuda a formular um imaginário na qual o criador de porcos representa um líder do povo, que luta contra as injustiças de inimigos internos e externos, combate a morte, o roubo, o massacre e a propriedade, e o partido comunista (e as suas lideranças) nada mais seriam que os herdeiros históricos de Ivaylo, os novos líderes do povo, pelo povo e para o povo. O materialismo-histórico representa um instrumento metodológico, sim, acadêmico e objetivo, jamais imparcial. No entanto, é científico. Isso significa que necessariamente passa por um filtro de rigor científico, metodológico, para não ser convertido em uma ferramenta que não exerce tais princípios, mas ainda se apresenta da mesma maneira, na produção stalinista, que ainda tenta se mostrar científico e imparcial – as fontes falariam por conta própria a seu favor. É como se converte o burocratismo em sua faceta historiográfica. Ivaylo transforma-se em algo mais do que um criador de porcos medieval que luta contra os tártaros e os *boiardos*, ainda que momentaneamente. Ele se torna um símbolo, um símbolo de um passado não necessariamente factível, desde que seja difundido como se fosse, e que assim se enraíze para os búlgaros. Ele representa a encarnação do ideal de justiça, e que as pessoas possam, então, se identificar nele, e, consecutivamente, com o partido comunista, enquanto herdeiro do legado de Lakhana. Se a história pode ser alterada, desfigurada e reconstruída, não só os “fatos” podem ser

---

<sup>1</sup> Lembrando que romanos é como os habitantes do império se autodenominavam e que “bizantinos” é um termo adotado para se referir àquele povo apenas no período moderno.

repaginados em si, mas também podem ser imbuídos com elementos que evoquem a linha ideológica seguida pelo aparelho.

Sabe-se, por exemplo, que Ivaylo participou pessoalmente na batalha nas fortalezas de Studena e Pargitsa. Assim, em muitas batalhas, as tropas bizantinas perderam o impulso ofensivo. No outono de 1278, a preponderância de forças já estava do lado dos insurgentes e a ofensiva bizantina foi interrompida. Não se podia mais contar com o sucesso militar na guerra contra os búlgaros. (Petrov, 1982, p.285)

A coragem búlgara é refletida pela figura do líder. Em campo, Ivaylo pode evocar tamanha liderança que inspiraria seus comandados a se tornarem imbatíveis. Os búlgaros tornam-se imunes à derrota, à derrota militar, graças à liderança pessoal de Ivaylo. Vale salientar que, durante a Guerra Fria, a Bulgária está alinhada com o socialismo stalinista, e a Grécia e a Turquia (herdeiras do império Bizantino e da cidade de Constantinopla/Istambul) estavam alinhadas com o capitalismo ocidental. Se aceita a ideia em arena popular que deveras o PC búlgaro seria um herdeiro histórico de Ivaylo, então tamanha lealdade férrea e inegável essência da vitória militar nacional, seja contra quem fosse, seriam valores extremamente valorizados pela liderança stalinista.

A derrota dos tártaros foi um acontecimento de grande importância para o futuro desenvolvimento do estado. Os camponeses búlgaros, destreinados e mal armados, saíram vitoriosos e expulsaram os tártaros, de quem o governo búlgaro era vassalo e que eram um verdadeiro flagelo para a Europa medieval, através do Danúbio. A vitória sobre os tártaros trouxe ao exército rebelde a glória de um poder invencível. Agora, até os mais hesitantes acreditavam na vitória de Ivaylo e na justiça da sua causa. A expulsão dos tártaros levou a uma expansão nova e ainda maior do levante. [...] Assim, desde o início, a revolta ganhou um amplo alcance e a luta contra os exploradores fundiu-se com a luta contra os invasores externos. (Petrov, 1982, p.281)

Nessa passagem, o aspecto nacionalista se unifica com o de classe e tornam-se um amálgama: o amálgama do passado reflete no daquele presente, uma Bulgária nacionalista, que se pinta internacionalmente enquanto progressista ideologicamente, e apresenta esse amálgama como uma virtude búlgara. O flagelo da Europa medieval é derrotado por camponeses pobres, destreinados, mal armados, e essa vitória carrega a glória de um poder invencível. Trata-se de buscar uma identificação com o passado, para criar um sentimento de pertencimento e de semelhança entre o governo e a revolta. Nesse cenário, a história é invocada enquanto uma autoridade legitimadora, sem abrir mão de sua faceta propagandística. A escrita histórica converte-se em um arquétipo, compromissada apenas com o interesse de seus produtores.

A revolta de Ivaylo é a maior revolta camponesa antifeudal na Bulgária na Idade Média. De acordo com o número dos nossos camponeses que nela participaram, de acordo com a sua longa e persistente luta contra os seus adversários muito superiores, de acordo com a dimensão do território coberto e de acordo com o golpe que foi infligido ao prestígio da classe feudal dominante e o poder estatal, foi cortado entre as maiores revoltas camponesas da Europa medieval. Apesar da derrota, a importância da revolta é enorme: a luta das massas contra os seus opressores sempre foi um fator progressista no desenvolvimento social. A revolta de Ivaylo é uma página brilhante na história do povo búlgaro e na luta abnegada das massas nativas contra os invasores estrangeiros [...]. (Petrov, 1982, p. 290)

O floreio propagandístico da narrativa stalinista não impede o historiador de realizar as mínimas análises materialistas-históricas advindas de seu berço. No entanto, uma vez que o burocratismo representa uma fase na qual a concepção de socialismo encontra-se modificada, a própria construção acadêmica há de atravessar a mesma trilha. Se os búlgaros tornaram-se imbatíveis, guerreiros de uma causa justa, coberto de glória, como pode Ivaylo ter sido derrotado? Em Petrov, sempre há uma tentativa de explicação, e ele oferece duas observações sobre o tema:

A principal razão para a derrota do levante foi a superioridade numérica e melhor organização militar de seus oponentes. Os insurgentes não resistiram a uma luta prolongada com as tropas do rei e dos boiardos, os bizantinos e os tártaros. A posição traiçoeira dos boiardos nos momentos críticos da luta também desempenhou um papel importante na derrota da revolta. [...] Os camponeses não tinham um programa claro de reformas nas mudanças sociais. Eles não eram portadores da ideia de uma nova ordem social. A sua luta resume-se a pedidos para melhorar a situação, por [...] reformas no âmbito da ordem existente. E no século XIII, o feudalismo na Bulgária estava no seu apogeu, razão pela qual a revolta teve de degenerar ou ser esmagada. (Petrov, 1982, p. 290)

Nessa passagem, Petrov culpa duas atribuições à derrota dos revoltosos. O primeiro é o poderio bélico de seus inimigos. De fato, das forças em campo, a tropa dos insurgentes era a mais fraca, mais inexperiente e pior equipada. Ainda assim, foi capaz de infligir derrotas na Horda Dourada tártara, conseguiu eliminar o corpo armado de Constantino Tikh e conseguiu sobreviver às batalhas bizantinas. No ato de enfrentar três exércitos, ele chegou a ter a vantagem. Ele entrou em Tarnovo e, mesmo que não tivesse estabelecido uma aliança com Maria, seu exército eventualmente teria sitiado a capital do *Tsarstvo*, e os *boiardos* da capital não possuíam forças para lhes negar cerco. Quicá a batalha fosse contra os bizantinos de João Asen III, mas, de modo geral, as condições militares sempre foram as piores para o exército rebelde e eles conseguiram obter relativos graus de sucessos momentâneos.

O segundo motivo diz respeito diretamente a uma análise (pseudo) marxista. Em suma, parte da culpa do fracasso do movimento é atribuída à posição traiçoeira dos *boiardos* na luta. No entanto, sendo eles membros da aristocracia que Petrov chamaria de feudal, e sendo Ivaylo um antifeudal, seria elementar considerá-los inimigos, adotando uma terminologia que o próprio búlgaro utilizou, marxista. Como poderiam adotar uma posição traiçoeira se em nenhum momento os *boiardos* foram leais a Ivaylo? Por um momento, seus interesses convergiram, e, ainda assim, houve resistência de uma parcela de *boiardos*. Isso fica claro quando, na ausência de Ivaylo em Tarnovo, ele vai a campo enfrentar os tártaros e acaba sitiado, os *boiardos* preferem eleger um novo *tsar* do que reunir uma tropa e enviá-la ao norte, por exemplo.

Ainda há outra justificativa de caráter (consistentemente) marxista. Petrov afirma que os camponeses não possuíam um programa claro de reformas de mudanças sociais. Ou seja, eles não possuíam uma agenda revolucionária “na ordem do dia”. Tampouco poderiam, uma vez que um programa político-econômico dessa estrutura é um produto direto das relação de produção inserida no próprio meio de produção. Porém, em todo o corpo do texto, o historiador búlgaro afirma que o movimento de Ivaylo era antifeudal. Portanto, como, no final do texto, essa afirmação pode ser coesa com “pedidos para melhorar a situação”?

Um dos pressupostos do trabalho assalariado e uma das condições históricas do capital é o trabalho livre e a troca de trabalho livre por dinheiro, [...] Outro pressuposto é a separação do trabalho livre das condições objetivas de sua efetivação – dos meios e do material do trabalho. [...] O relacionamento do trabalhador é o de propriedade: esta constitui a unidade natural do trabalho com seus pressupostos materiais. Por isto, o trabalhador tem uma existência objetiva, independente de seu trabalho. O indivíduo relaciona-se consigo mesmo como proprietário, como senhor das condições da sua realidade. A mesma relação vigora entre o indivíduo e os demais. (...) Em ambos os casos, os indivíduos comportam-se não como trabalhadores, mas como proprietários – e membros de uma comunidade em que trabalham. A finalidade deste trabalho não é a criação de valor, embora eles possam realizar trabalho excedente de modo a trocá-lo por trabalho estrangeiro ao seu grupo, isto é, por produtos excedentes alheios. Seu propósito é a manutenção do proprietário individual e sua família, bem como da comunidade como um todo. (Marx, 1964, p. 65-66).

Se os próprios trabalhadores modernos não se viam enquanto não-proprietários, em uma sociedade industrial na qual a propriedade privada atribui a cada um o seu posicionamento e o seu papel socioeconômico, essa situação se torna ainda mais presente numa sociedade pré-capitalista, como a medieval. Conflitos houveram, mas não devido a uma natureza econômica, pelo menos não no tocante à revolta de Ivaylo.

Evidentemente, é insuficiente provar que camponeses e proprietários de terras tenham interesses incompatíveis na divisão do produto social e que, portanto, os camponeses tinham tendência a reter aluguéis e serviços e entrar em conflito jurídico ou mesmo político com seus senhores. O fato é que as relações sociais tradicionais entre camponês e senhor em formas variadas persistiram em diferentes partes da Europa, provavelmente desde a Idade do Bronze até o século XVIII ou XIX. Algo mais do que o antagonismo natural entre uma classe exploradora e uma classe explorada deve, portanto, ter precipitado movimentos que muitas vezes pareciam aos participantes de ambos os lados uma quebra na “ordem natural” das coisas; essa frase nos dá uma pista para a eclosão de muitos dos movimentos mais sérios. Os camponeses, ainda mais que os seus senhores, tendiam a se apegar aos costumes, mesmo quando, sem sabe-lo, procuravam constantemente moldá-los de acordo com seus próprios interesses. (Hilton, 2003, p.113).

Essa passagem acentua o caráter moderado do movimento camponês na Inglaterra do século XIII, o que se torna ainda mais válido para a revolta de Ivaylo. Os camponeses, considerando a si mesmos proprietários em pequena escala – tendo uma dinâmica de trabalho diferente da industrial que viria nos séculos seguintes, atuavam também enquanto “guardião dos costumes” e tentavam moldar a sociedade de acordo com tais costumes – não eram só limitados em uma ambição (inexistente, no caso de Ivaylo) de uma nova ordem socioeconômica, como também poderiam vigiar a observância dos costumes, de forma a considerá-los adequados. Se os camponeses viam a si mesmos como defensores da “velha lei” (Hilton, 2003), como pode eles terem feito parte de um movimento rebelde com aspirações socioeconômicas, como defende Petrov?

Deveríamos recordar as tensões básicas numa sociedade onde os camponeses eram a maioria dos produtores básicos, mas o curso de cada movimento deve ser investigado separadamente. [...] Também do exame da sequência de acontecimentos deve emergir alguma noção da organização dos movimentos e do grau em que surgiram espontaneamente ou foram cuidadosamente planejados por grupos ou organizadores individuais. Isto leva-nos à questão vital das origens sociais e intelectuais dos líderes dos movimentos – um problema que, uma vez resolvido, envolve necessariamente os problemas aliados da composição social das massas participantes. Estas considerações levar-nos-ão ao problema das ideias que orientam os vários elementos envolvidos; este não é de forma alguma o mesmo problema dos objectivos imediatos ou de longo prazo, que também necessitam de análise. [...] (Hilton, 2003, p. 113)

Segundo Hilton, as características dos movimentos camponeses medievais são um produto direto das origens sociais e intelectuais dos líderes do movimento. Em Ivaylo, os camponeses encontraram uma figura capaz de realizar a defesa do território, algo que o *tsar* estava sendo incapaz de fazer. Ele atendia aos interesses dessa camada (camponesa): sobrevivência. E este líder tinha, para si, sonhos de grandeza, de que um dia haveria de possuir poder, poder que ele jamais alcançaria enquanto criador de porcos. Segundo este

raciocínio, o levante sempre esteve preso às ambições de Ivaylo, ambições essas que seriam confirmadas “dos céus”, e convertia o movimento enquanto um exército particular com finalidade dupla: lutar contra os tártaros e buscar o trono. Petrov não nega esse ponto de vista, e o narra de forma a justificar a essência do movimento:

Finalmente, deve-se ter em mente que o campesinato, como classe, se distinguia por uma perspectiva estreita e por uma natureza revolucionária inconsistente. Esta característica peculiar do campesinato medieval também se manifestou nas negociações com os boiardos. Declarando-se contra a opressão feudal e contra o Estado feudal como portador e apoiante desta opressão, os camponeses não conseguiram apresentar um programa para outro sistema político. Portanto, a luta contra o rei e os senhores feudais foi travada no quadro do sistema existente, e Ivaylo, como líder da revolta, teve inevitavelmente de se tornar rei. (Petrov, 1982, p. 284)

Na realidade, não eram os camponeses que não conseguiram apresentar um programa de outro sistema político, devido a uma natureza revolucionária inconsistente. Os camponeses podem não ter tido um horizonte socialista de objetivos coletivizantes, de forma a ser impossível alterar definitivamente a economia, mas não necessariamente porque assim quiseram, e sim porque as condições materiais da época não lhes permitiam o menor vislumbre. Pintar um evento histórico com conceitos sociais de mais de meio milênio à frente e, no final, responsabilizar a conjuntura por essa ausência, após escrever todo um texto indicando o contrário, é reduzir a história a um instrumento de propaganda única e simplesmente. Conceitos medievais consagrados como nobreza e campesinato em muitos cenários não são uma determinação tão simplista, que segue fielmente o modelo da historiografia feudal. Os próprios boiardos do segundo *Tsarstvo* não surgiram por meio de berços nobres/aristocráticos, mas devido a sua participação na revolta que culminou na fundação do reino da Bulgária. Isso significa que estes boiardos poderiam possuir a mais diversa origem. Os camponeses não ofereceram um modelo ao presente sistema político-econômico simplesmente porque não havia possibilidade de idealizar um novo sistema criado “do ar”. As condições econômicas não permitiam, e não havia como os camponeses visualizarem um novo sistema político-econômico advindo do fruto da imaginação de si mesmos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Petrov segue seu texto afirmando que o movimento era uma luta antifeudal. Isso significa uma classe, feudal, ocupando o papel de opressora, e que os camponeses ocupariam o papel de oprimidos. A falha do sucesso da revolta reside justamente na

natureza não-revolucionária dos camponeses, mas essas classes já existiriam, como uma semente de socialismo búlgaro, plantada fora da época adequada, e não pôde germinar, mas que, com o passar dos séculos, o partido comunista haveria de surgir enquanto herdeiro daquela semente jogada a tanto tempo. As inconsistências e falsificações destas narrativas eram adotadas enquanto verdadeiras e este seria o caráter dos discursos históricos da bibliografia do século XX (no período stalinista).

A ciência histórica marxista não só revela as regularidades objectivas do desenvolvimento histórico, mas também ajuda a educar as pessoas num espírito socialista, no qual reforça essas mesmas regularidades objectivas de desenvolvimento e progresso; assim, a ciência histórica coloca a teoria em contato próximo com a prática.' A seguinte declaração de Todor Pavlov dá uma ideia da coincidência milagrosa entre o ponto de vista do Partido Comunista e a objectividade (verdade), com base na crença de que o “curso objectivo da história” funciona para o comunismo. (Daskalov, 2011, p. 322)

Esse movimento da produção histórica búlgara não se resume simplesmente às fronteiras da Bulgária, mas, uma vez que é produto do termidor stalinista que controlou quase toda a Europa Oriental na segunda metade do século XX, permeia a historiografia dos países vizinhos. A própria Romênia, por exemplo, um país que se localizaria geograficamente próximo do local em que ocorreu a rebelião de Ivaylo, atravessou semelhante processo em sua produção nacional historiográfica.

Patrimônio, tradições inventadas e mitos históricos. Herança. Mesmo que os artigos, os discursos e os livros afirmassem escrever a história, o que se difundiu nesse período foi a versão estatal do passado. Foi um discurso sobre o patrimônio. [...] A herança intervém no passado de três maneiras. A primeira é a atualização pela imposição das imagens presentes e visa eventos e atores passados. A segunda é a atualização, enfatizando o que é louvável. A terceira é a expurgação, ao remeter ao esquecimento o que não é louvável. As principais reivindicações do patrimônio são “ser antigo” e “ser o primeiro”, fazendo uso extensivo dos temas da antiguidade e da continuidade. Em última análise, o patrimônio domestica o passado. O passado é conhecido, organizado cronologicamente, linear e consistente com o presente; o passado é recrutado para causas presentes. Tradição inventada. [...] Em última análise, o conceito de “tradição inventada” necessita de retificação do ponto de vista da utilização de elementos previamente existentes e da sua fusão num discurso que dê uma impressão de continuidade entre passado e presente. Esta alteração trazida por Anthony D. Smith defende uma “reconstrução” do passado em vez da sua “invenção”, por realçar a continuidade com um “passado adequado” suposto por Hobsbawm. Como Smith afirma: "Tradição, mitos, história e símbolos devem todos crescer a partir de memórias e crenças existentes e vivas das pessoas que irão compor a nação. Sua ressonância popular será maior quanto mais contínuos com o passado vivo forem mostrados como sendo." Mantendo a alteração de Smith, as “tradições inventadas” foram sempre construídas com base num princípio de continuidade com o passado. Mais do que isso, foram apresentados como cumpridores desse passado. (Corduneanu, 2003, p. 3-4)

Portanto, pode-se concluir que os tentáculos da ideologia bonapartista do stalinismo se estendem não só para a Bulgária, mas também a países outros que, governados por uma perspectiva alinhada a Moscou, tornou conveniente permitir (e incentivar) este tipo de produção histórica. Não se trata de afirmar que esse caráter historiográfico foi absoluto em toda a região demarcada no presente trabalho, nem tampouco condenar os autores que optaram por seguir esta linha, como Petrov, utilizado de forma majoritária, mas sim apontar e demarcar as inconsistências fabricadas na bibliografia por motivos políticos, pelo Estado stalinista convertido.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, C. F. S. **Economia e Sociedade Antigas: Conceitos e Debates**. Clássica, p. 5-20, 1988.

CORDUNEANU, Victoria Isabela. 2003. Romanian historical master narrative in the 1970s and 1980s: fabricating heritage. *In: Romanian Journal of Society and Politics*, vol. 5, 2003.

DASKALOV, Roumen. **Debating the past: Modern Bulgarian history – From Stambolov to Zhivkov**. Central European University Press, Budapest, 2011.

DIMITROVA, Snezhana. Traumatizing History: Textbooks in Modern Bulgarian History and Bulgarian National Identity (1917-1996) *In: Studies in Ethnicity and Nationalism*, I (III), 2003, London School of Economics, ASEN, pp. 56-72.

GREKOV, B. D.; YAKUBOVSKY, A. Y. **Золотая Орда и ее падение (A Horda Dourada e a sua queda)**. Moscow: Bogorodskii Pechatnik, 1950.

HILTON, Rodney. **Bond men made free: Medieval Peasant Movements and the English Rising of 1381**. Londres, 2003.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.  
HUIZINGA, J. Homo ludens.

MARX, Karl. **Formações Econômicas pré-capitalistas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

PACHYMERES, Georges. **Колектив (Coletivo) (1980)**. Гръцки извори за българската история (ГИБИ), том X (Fontes gregas sobre História Búlgara (GIBI), volume X) (em búlgaro e grego). София (Sófia): Издателство на БАН (Editora da Academia de Ciências da Bulgária).

PETROV, Petr. Въстанието на Ивайло (Revolta de Ivaylo). **История на България Т.3 Втора Българска държава**, БАН София, 1982, 277-290 (História da Bulgária Vol.3 Segundo Estado Búlgaro, Sofia, 1982, 277-290).

ROMÃO, Morgana Moura e MONTEIRO, Marcio Lauria Monteiro. O stalinismo e a União Soviética segundo a interpretação de Leon Trotsky. **Aurora: revista de arte, mídia e política**. São Paulo, v. 13, n. 38, p. 168-187, jun.-set. 2020.

SILVA, U. G. DA. **Rebeldes contra o Mediterrâneo**: Revoltas rurais e a escrita da história das classes subalternas na Antiguidade Tardia. São Paulo: Humanitas, 2016.

TILLET, Lowell. **The Great Friendship**: Soviet Historians on the Non-Russian Nationalities. University of North Carolina Press, 1969.

TROTSKY, Leon. O estado operário, Termidor e o bonapartismo. **New International** [Nova Iorque], Volume II Número 4, 1935, pág. 116–122.

WICKHAM, C. **How did the Feudal Economy Work?** the Economic Logic of Medieval Societies. *Past & Present*, v. 251, p. 3-40, 2021

YERLEKHONOV, L. S. **History of education of Bulgaria**. *Soviet education*, 1:7, 77-80, 1959.

#### **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES**

O autor declara que não há conflito de interesses com o presente artigo.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.